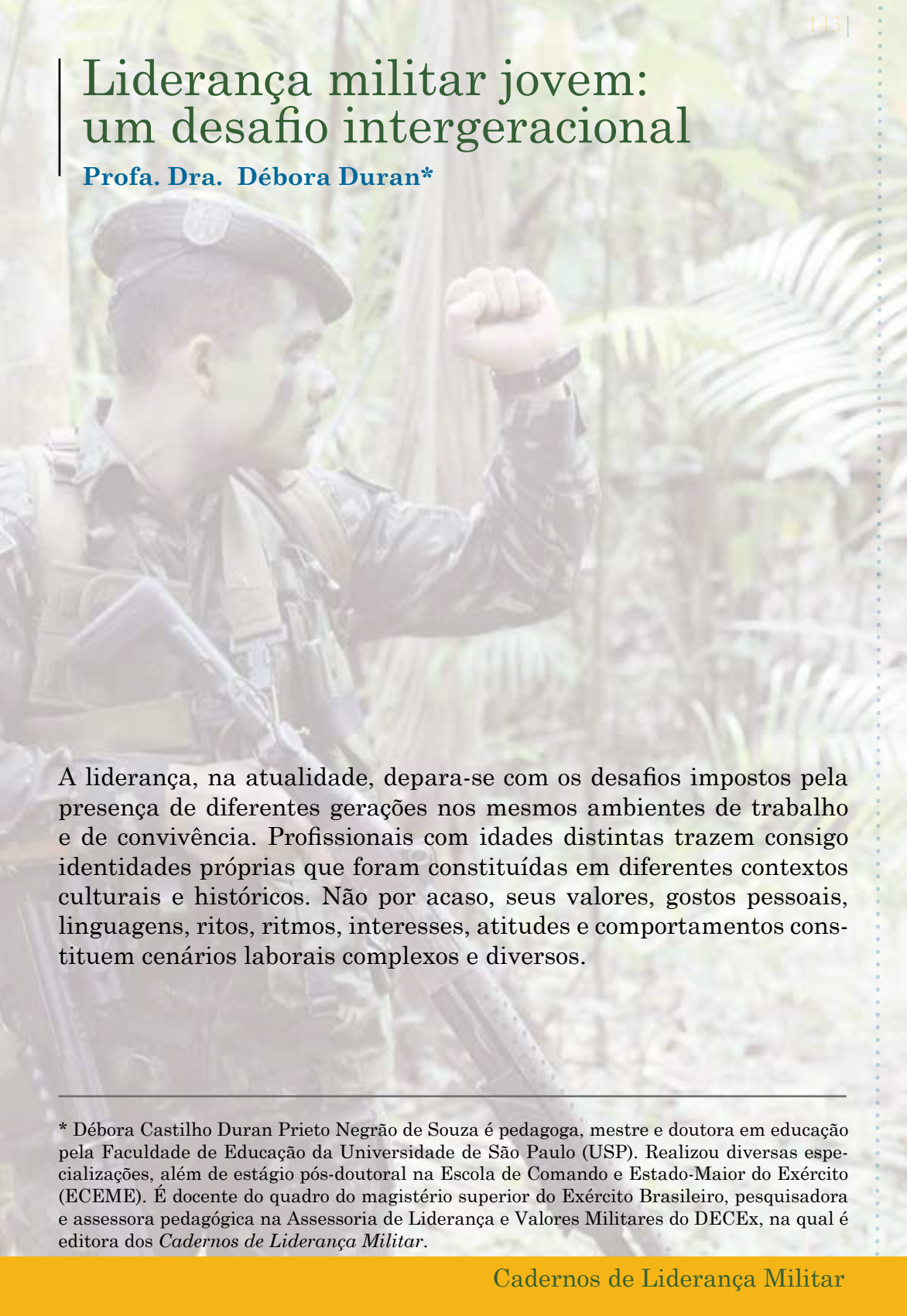


Liderança militar jovem: um desafio intergeracional

Profa. Dra. Débora Duran*



A liderança, na atualidade, depara-se com os desafios impostos pela presença de diferentes gerações nos mesmos ambientes de trabalho e de convivência. Profissionais com idades distintas trazem consigo identidades próprias que foram constituídas em diferentes contextos culturais e históricos. Não por acaso, seus valores, gostos pessoais, linguagens, ritos, ritmos, interesses, atitudes e comportamentos constituem cenários laborais complexos e diversos.

* Débora Castilho Duran Prieto Negrão de Souza é pedagoga, mestre e doutora em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Realizou diversas especializações, além de estágio pós-doutoral na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). É docente do quadro do magistério superior do Exército Brasileiro, pesquisadora e assessora pedagógica na Assessoria de Liderança e Valores Militares do DECEX, na qual é editora dos *Cadernos de Liderança Militar*.



Liderar diferentes gerações revela-se como uma tarefa desafiadora em nossos dias. Profissionais mais velhos resistem à hierarquia quando as autoridades são mais novas e, por outro lado, o etarismo inclina os jovens a acreditarem que a idade é um limitador de competência profissional. Diante desse quadro, o profissional que se propõe a ser líder é posto à prova para agregar a diversidade e engajar diferentes perfis com vistas à efetividade do trabalho.

No caso específico das instituições militares, esse desafio tem sido uma constante na vida dos chefes. Dadas as relações hierárquicas, profissionais mais experientes muitas vezes tornam-se subordinados de militares mais jovens e, do mesmo modo, há gerações modernas que estão sob o comando de autoridades bem mais antigas. No entanto, diferentemente do profissional civil, quando do ingresso nas Forças Armadas, o militar assume um compromisso irrevogável com os pilares institucionais da hierarquia e da disciplina.

O emblemático caso histórico do aspirante Mega nos deixou uma grande lição de liderança. Dele não sabemos muito, temos alguns relatos e pouquíssimas imagens. Sua fala memorável, no entanto, ecoa até os dias de hoje, para todos nós, como lição, talvez como ordem. Ele, perplexo ao ver a tropa parada, foi incisivo ao afirmar que é obrigatório seguir adiante, para a frente, pois, apesar dos pesares, é preciso conquistar o objetivo para fazer valer o sacrifício, razão pela qual se faz necessário prosseguir na luta sem hesitação. Na vida ou no trabalho, para civis ou militares, a mensagem é clara: avançar, superar, alcançar e vencer.

Assim como o aspirante Mega, praças, oficiais e chefes brasileiros marcaram a presença vitoriosa do Brasil no *front* de combate em solo italiano. As enfermeiras voluntárias também se uniram às tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e da Força Aérea Brasileira (FAB) na luta contra o nazismo. Tornaram-se orgulhosamente as primeiras mulheres ingressantes no serviço militar ativo e, juntamente com outros heróis combatentes, são referência inspiradora para os jovens militares de hoje.

As lições de liderança dos jovens da Força Expedicionária Brasileira

Podemos considerar o aspirante Mega como um militar que revela, de forma incontestável, a imagem de um herói da FEB. Apresentar sua história como exemplo de liderança jovem remete-nos às narrativas do general Octávio Costa (1995), cuja obra foi escrita para que “a mocidade de hoje” se identificasse com os moços que, na guerra, “nos ajudaram, com as suas vigílias e o seu sofrimento, a ser o que somos hoje”. Nas batalhas da Segunda Guerra Mundial e na história do Brasil, os pracinhas nos deixaram um precioso legado, que serve de inspiração para os jovens líderes do Exército Brasileiro.

O general escritor, à época um jovem tenente, expressou suas memórias da guerra, em diversos textos e relatos, com razão e sensibilidade. Ele recuperou as recordações da juventude, quando lutou no campo de batalha da Segunda Guerra Mundial, para falar às novas gerações sobre as bases de uma liderança efetiva. Suas reflexões extrapolam os limites temporais e anunciam, para diversas gerações, alguns princípios imutáveis, que fortalecem o espírito de corpo e conduzem as tropas à vitória. Dentre elas, podemos inferir conselhos já consagrados, mas que podem ser considerados atuais, uma vez que o foco recai sobre o valor do povo brasileiro, o que nos obriga a olhar para nós mesmos, hoje, com mais ânimo e com mais orgulho. O veterano exalta, com todas as letras, as qualidades dos megassoldados brasileiros.



Fonte: Agência Nacional

“

Fui conhecê-los melhor, no extraordinário poder de adaptação às atividades de preparação para a guerra. Conheci-os em sua rusticidade e em sua paciência, conheci-lhes o entusiasmo, a inteligência e a sensibilidade.

Conheci-o melhor nos duros exercícios de combate, que fazia como um jogo, que fazia com o gosto da competição, para mostrar ao estrangeiro o valor de nossa gente, que não queria fosse inferior a ninguém.

Vi-o marchar, na madrugada e na lama, para a frente de combate. Vi-o adaptar-se a seu abrigo e à guerra. Conheci-o na defesa e no ataque, no heroísmo e no pânico, na euforia e no desalento – toquei-lhe a dimensão inteira do coração.

Vi-o nos ataques fracassados ao Monte Castelo, ansioso por voltar a lutar. Vi-o morrer tentando buscar o corpo do companheiro, que o brasileiro não aceita deixar no chão do combate seus feridos e seus mortos.

Vi-o, como tigre, arremeter contra Castelnuovo, Soprasasso e Montese para, depois, conduzir os prisioneiros, como crianças amigas, a quem tudo se dá.

Vi-o nas horas felizes, depois das ações difíceis contando lorotas e piadas. Vi-o somente se amargar e sofrer de verdade pela carta que não veio.

E vi-os na difícil reintegração à vida de sempre, marcados, no fundo da alma, pelas cenas do combate e pelos enganos da glória vazia e fugaz.

Para mim, nossa porção maior de vitória eu a conheci na confiança no homem brasileiro, que outro não há melhor, mais inteligente, mais rústico, mais sensível, mais humano, mais gente afinal

”



Nas palavras do general Octávio Costa, estão implícitas algumas características dos combatentes da FEB que servem de referência para a juventude de hoje, ora comandados ora comandantes, líderes em potencial.



São elas: adaptabilidade, rusticidade, paciência, entusiasmo, inteligência, sensibilidade, resistência, persistência, coragem, dignidade, solidariedade, respeito, bom humor e objetividade.

Fonte: Arquivo Nacional/Correio da Manhã

Ao referir-se à vitória, ele ainda acrescenta mais duas qualidades fundamentais: o líder deve ser confiável e deve ser “mais humano”, “mais gente”, ou seja, ser bom.

Um aspirante, um sargento, um general. Um jovem, um homem, um “velho”. Aspirante Francisco Mega, sargento Max Wolf Filho e general Octávio Costa, três ilustres combatentes da FEB que representam o grupo de heróis brasileiros, que inclui praças, oficiais e enfermeiras, que honraram nossa pátria em solo europeu. Esses militares deixam, para nós, três lições em duas perguntas e uma afirmação, todas como provocação.

Aspirante: “Por que estão aí parados diante de mim?”

Sargento: “Capitão, qual é a minha?”

General: “Tínhamos, em nosso batalhão, um sargento que, para mim, foi o maior combatente que conheci em minha vida.”

Homens comuns, soldados incomuns: Mega reclama por iniciativa, Max demonstra coragem e Octávio, por sua vez, manifesta hombridade. Dobra-se sobre suas próprias memórias para reconhecer o valor de um homem que conheceu quando ainda era um jovem tenente e que até a maturidade reverenciou como sendo o maior combatente que conheceu. O general, um dia aspirante, presta sua continência simbólica ao sargento e revela, emocionado, a maior lição que um líder militar precisa aprender: a da humildade.

Os pracinhas que um dia lutaram com o então tenente marcaram, para sempre, a mente e o coração de um futuro general. Das experiências na guerra à jornada na carreira militar, as “narrativas octavianas” permitem-nos entender que a liderança jovem pode inspirar pares, subordinados e superiores. O diálogo, como bem se sabe, continua sendo o ponto de partida para o desenvolvimento da liderança.

Militares, juventude e liderança

O desafio que se impõe cada vez mais aos militares é conquistar a liderança, para além da chefia, tanto nas rotinas de trabalho em tempos de paz como nas ações de combate em tempos de guerra. Para tanto, é fundamental compreender a dinâmica da sociedade global, no contexto da cibercultura, e seus desdobramentos na atuação dos líderes de diversas gerações.


A rigor, as normas e regulamentos conseguem “enquadrar” a tropa e garantir o cumprimento das missões. No contexto da era do conhecimento, fica evidente, contudo, que a conectividade, o acesso à informação e a onipresença das redes sociais tornam as pessoas cada vez mais críticas, proativas e desejosas de representatividade, apesar dos desvios decorrentes do fenômeno da desinformação. Hoje, cada vez mais, do líder – jovem ou não – se espera não apenas competência, mas fundamentalmente coerência entre discurso e prática, entre palavras e ações.

É fato que as relações hierárquicas exigem dos jovens respeito e até mesmo obediência aos superiores mais antigos. Chefes maduros, no entanto, precisam reconhecer, cotidianamente, a necessidade de ouvir os jovens e acolher respeitosamente o assessoramento leal, ainda que discordante, quando bem fundamentado e bem-intencionado. A juventude do século XXI tem mais acesso à informação do que a de outrora, de modo que os militares mais antigos precisam primar cada vez mais pela autoridade do argumento, ainda que possam se valer do argumento da autoridade.





Vídeos sobre a FEB no canal do EB



Valorizar as lições de liderança dos heróis da FEB, hoje, é fundamental para que tenhamos, no futuro, um passado presente. O legado do aspirante Mega, juntamente com os pracinhas, os oficiais e as jovens febianas, permanece como fonte de inspiração para que megassoldados sejam megalíderes brasileiros capazes de liderar a si mesmos para poderem, então, liderar famílias, grupos e, quiçá, instituições. E se a cobra fumar, Brasil acima de tudo!

Referência

Costa, Octávio. *Cinquenta anos depois da volta*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

